

# humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



os “actuais” Atenienses quer os colónos das ilhas e da Ásia menor, como a extensa nota à versão do diálogo de M. del Canto explica em pormenor ( Paris, Flammarion, pp.229-230).

Assim, o razoável equilíbrio entre “la máxima fidelidad al texto griego” e a necessidade de não “violentar el español”, que, na globalidade é efectivamente conseguido, não impede a exigência de uma revisão mais cuidada, que lucraria também, numa anotação lacunar à maior parte dos sofismas, com a consulta ao comentário de R.S. Hawthrey (Ann Arbor, Michigan, 1981).

Maria Teresa Schiappa de Azevedo

V. BÉCARES, F. PORDOMINGO, R. CORTÉS TOVAR, J. C. FERNÁNDEZ CORTE (edd.), *Intertextualidad en las Literaturas Griega y Latina, Madrid-Salamanca, Ed. Clásicas-Univ. de Salamanca, 2000, 366 pp.*

Esta obra, cujo título convida desde logo ao diálogo aliciante que a intertextualidade é capaz de proporcionar, constitui o volume II da série *Classica Salmanticensia*, publicada pelo Departamento de Filologia Clássica e Indoeuropeu da Universidade de Salamanca. Reúne 19 contribuições de autores de universidades espanholas, italianas, americana e britânica, distribuídas por duas secções: I - intertextualidade na Literatura Grega; II - intertextualidade na Literatura Latina. Com um assunto mobilizador das atenções contemporâneas, é propósito dos seus editores «...ofrecer un panorama tan amplio como sea posible de la variedad de (...) aplicaciones metodológicas <de la intertextualidad> (p. 9)».

A abrir o primeiro conjunto de textos, um contributo em jeito de introdução à temática geral da colectânea: “Il concetto di intertestualità nel pensiero degli antichi”, onde Gennaro d’Ippolito sublinha a modernidade do termo “intertextualidade”<sup>2</sup>, mas não do fenómeno, uma vez que, segundo o autor, se pode aproximar aquele conceito actual da antiga *mimesis* retórica e, por outro lado, os autores antigos revelam interesse por aspectos da prática intertextual, particularmente, pela citação.

A esta reflexão, mais abrangente, segue-se a colaboração de Jaume Pòrtulas, centrada por um lado na interpretação atribuída a κέρως no v. 385 da *Iliada*, em confronto com a ocorrência do mesmo termo em Arquíloco, frg. 247 West e, por outro, no diálogo estabelecido entre o frg. 125 West do poeta de Paros e dois textos anacrônticos: o frg. 44 Page e o dístico 325 West.

Milagros Quijada, por seu turno, ocupa-se da frequente associação entre tragédia e comédia, analisando em particular o uso que o género cultivado por

<sup>2</sup> Sobre este assunto, cf. e. g. JULIA KRISTEVA, *Semeiotikê, Recherches pour une sémanalyse*, Paris, 1969; NATHALIE PIÉGAY-GROS, *Introduction à l’Intertextualité*, Paris, 1996.

Aristófanes faz de um modelo de reflexão geral empregue pelos trágicos: o παράδειγμα οικειῶν Conclui afirmando que “...la presencia en la comedia de un esquema tradicional de pensamiento como es el παράδειγμα οικειῶν confirma la importancia del mismo como elemento de configuración del drama ático, pero el poeta cómico lo utiliza para subvertir el sentido y funciones que éste tiene en la tragedia...” (p. 57).

Juan Luis García Alonso recoloca a questão da ligação entre o conceito de intertextualidade, aplicável à produção literária da Antiguidade, e *mimesis* ou *imitatio*, e faz também referência à modernidade daquele termo, associado à formulação estruturalista da Literatura como sistema de textos: o autor entende que seria difícil encontrar obras literárias sem qualquer tipo de relação intertextual. Para testemunhar o diálogo estabelecido ao longo de séculos vários, García Alonzo faz ainda uma recolha de passagens de autores diversificados que criticam a teologia grega tradicionalmente atribuída a Homero e a Hesíodo, contradizendo-a e/ ou corrigindo-a, particularmente quando conferia aos deuses e/ ou a personagens míticas atitudes pouco exemplares (e. g. Xenófanes, frg. 10 Diels, Píndaro, *O. I.*, Platão, *Lg.* 663e).

O contributo de Francisca Pordomingo põe em destaque a associação entre poesia literária e popular gregas. Segundo a autora, “son muchos los poetas que se interesaron por la lírica popular, a la que intencionalmente aluden o que inconscientemente fue utilizada por ellos debido a la familiaridad con los textos poéticos populares cercanos: Arquíloco, Safo, (...) Eurípides, Aristófanes, Teócrito...” (p. 82). Citações, paráfrases, alusões, paródias da lírica popular pela lírica literária, bem como o uso por ambas do paralelismo gramatical, ou dos *topoi* da “saudade” e da “espera” constituem alguns exemplos seleccionados que evidenciam a sua conexão intertextual.

Por sua vez, Luis Arturo Guichard refere-se à antologia como intertexto de todos os poemas que a constituem, afirmando que “en una antología, cada poema tiene (...) dos realizaciones textuales. Por una parte, *el* texto es el poema que en ese momento se lee y su *contexto*, el resto de los poemas; por otra, tanto la antología completa (...) como cada uno de los poemas son unidades textuales entre las que se establece una tensión especial, a la vez de independencia y de complementariedad” (p. 107). E ilustra as suas afirmações com a *Grinalda* de Meléagro (séc. I a. C.), constituída por poemas de autores diversos, incluindo alguns do próprio antologista; aquela obra, conclui, “...tenía la clara intención de constituir un macrotexto en el que la relación entre los poemas los dotara de nuevo sentido...” (p. 119).

Máximo Briosó Sánchez trata da convergência no romance grego antigo de influências várias, desde a épica ao drama, à narrativa historiográfica... E detém-se de modo particular no motivo do reconhecimento<sup>3</sup>, manifestado já desde os Poemas Homéricos (cf. *Odisseia*, reconhecimento(s) de Ulisses em Ítaca) e destacado pela tragédia: verifica, num núcleo de referência constituído por cinco exemplares que

<sup>3</sup> O reconhecimento é um tópico narrativo intimamente ligado ao tema do engano e do equívoco, a que também é feita referência.

chegaram até nós do género romance<sup>4</sup> (séc. I-IV d. C.), semelhanças e diferenças relativamente àquele motivo tradicional.

A rematar este primeiro conjunto de contribuições, Teresa Martínez Manzano transporta-nos a uma época mais tardia, pela análise de excertos seleccionados da novela bizantina de Teodoro Prodromo, *Rodante y Dosicles* (séc. XII), por um lado ilustrativos da existência de influências clássicas naquela obra, desde Homero à lírica grega e à novela latina, e por outro, com ressonâncias bíblicas e ecos de diferentes textos do mesmo autor.

Uma segunda série de artigos dedica-se, pois, à intertextualidade na Literatura Latina, intimamente associada à Grega, como é sabido, facto a que fazem referência alguns estudiosos nos seus trabalhos.

Dá início a este conjunto um texto famoso de Alessandro Barchiesi, autor de referência, repetidamente citado pelo seu importante contributo para o estudo da temática que é motivo desta colectânea.

Na sua colaboração Barchiesi, reflectindo acerca das mudanças na investigação sobre a intertextualidade, põe em relevo aspectos como o facto de ela ser um processo dinâmico, de as relações intertextuais não restringirem o significado de um texto, mas antes o abrirem ao diálogo, de ser possível conciliar uma leitura intertextual com uma leitura 'nella storia' (p. 167), de a abordagem desta temática pressupor competência relativamente aos autores a analisar e, conseqüentemente, implicar juízo de valor.

Leonor Pérez Gómez foca procedimentos intertextuais usados no *Anfitrião* plautino: Plauto ora parte da imitação/ transformação da tradição grega e romana anterior a ele (e. g. através da paródia), ora se revela imitador de si próprio, pelo que é possível distinguir dois modelos de escrita, respectivamente *palimpsesto* e *collage*, de que são apresentados exemplos.

Jesús Bartolomé, por seu turno, sublinha as relações intertextuais existentes também nas obras historiográficas, referindo que a utilização do texto de um historiador por outro, para lá do seu uso como documento, pode comportar uma visão narrativa reelaborada de um mesmo acontecimento, à semelhança do que se passa na poesia. E, aludindo à questão da legitimidade deste modo de proceder, remete para a natureza da historiografia antiga, particularmente para a tradição historiográfica romana, que "...se ha ido conformando en gran medida (...) por la reconstrucción plausible o verosímil de los hechos en torno a un dato nuclear real (...) que ha dado origen a un relato repetido y aceptado...". O autor põe ainda em destaque as relações da historiografia com a épica. Para ilustrar as suas afirmações, analisa duas passagens paralelas, referentes a relatos bélicos: César, *B. G.* 4, 33-34 e Lívio 10, 28, 8-12.

David Konstan examina elementos partilhados por poemas de Catulo sobre Mamurra<sup>5</sup> e pelo carne 11 do mesmo autor, dedicado a Lésbia, procurando demonstrar a posição particular de Catulo face a um mundo "of erotic aggression and

<sup>4</sup> Cáriton, *Quéreas e Calíroo*, Aquiles Tácio, *Leucipe e Clitofonte*, Xenofonte de Éfeso, *As Efesiacas*, Longo, *Dáfnis e Cloe*, Heliodoro, *As Etiópicas*.

<sup>5</sup> Cavaleiro romano que participou na guerra com os Gauleses, sob as ordens de Júlio César.

imperialism" (p. 126). "Catullus does not openly declare his opposition to the sexual ideology of his age. (...) But the alienation he felt from the erotic practices of elite Roman society crossed, at a certain moment, with his political opposition to the deals struck by the triumvirate of Caesar, Pompey, and Crassus, in which he saw a conspiracy to loot the entire world in order to pay for their personal depravities" (p. 229).

A participação de Don Fowler ocupa-se da intertextualidade na crítica textual, com exemplificação das correspondências entre Catulo 68 e Propércio I 10.

É sobre a relação famosa entre Tróia e Roma, quer a nível literário, quer político, que Mercedes Encinas Martínez reflecte no seu trabalho, destacando a abordagem, por autores diversos, daquele motivo que, no âmbito da dinâmica intertextual, é transformado (cf. Verg. *Aen.* 12, 88-828, Hor. 3.3, 37-68, Propércio 4.1, Ovídio *Fast.* 1) e "va contribuyendo a modificaciones y reflexiones sobre la propia Roma..." (p. 265).

José Carlos Fernández afirma que na narração ovidiana do mito de Ariadne, em *Her.* 10, 58, há ecos do carne 64 de Catulo (cf. e. g. marcas textuais como *perfidie* (...) *lectule*); porém, o texto ovidiano apresenta transformações ideológicas e literárias relativamente ao de Catulo (e. g. "...Ovidio ha desconstruido el personaje catuliano de Ariadna para sobrevivir como escritor y ofrecer una variante creible y poderosa de una figura mítica" (p. 282).

M<sup>ra</sup> Isabel Gómez Santamaría faz uma interpretação intertextual do início do *Panegirico de Trajano*, de Plínio-o-Antigo, identificando-o com uma tradição de prece, e verificando que aquele texto apresenta coincidências lexicais e conceptuais com Cícero, *Div.* I.102, "mas supone, a la vez, una ruptura con el discurso formal de poetas y oradores" (p. 291).

Por sua vez, Rosario Cortés Tovar refere que na sátira quarta de Juvenal, 34-154, com juízos sobre História, política e também sobre a literatura contemporânea do poeta satírico, além da paródia de um poema épico-encomiástico perdido de Estácio, há outras ligações intertextuais que implicam uma variedade de géneros interessante (e. g. associações certamente com a historiografia – cf. Plínio e Tácito – e com autores como Pérsio I. 55 sqq. e, particularmente, Séneca, *Apocolocyntosis*).

As relações intertextuais entre a *Vita Antonii*, de Atanásio (357), obra grega traduzida para latim nomeadamente por Evágrio de Antioquia, c. 375, e a *Vita Pauli*, de Jerónimo (c. 375) são motivo da colaboração de Susana González Marín. Segundo a autora, há ligações evidentes entre o livro de Jerónimo, o de Atanásio, e também a versão latina de Evágrio. Porém, "...no se trata de una simple imitación. (...) podría ser descrita como una corrección de *Vita Antonii* y a la vez la fabricación de una "historia" del eremitismo..." (p. 332).

A terminar o volume, Juan Antonio González Iglesias ocupa-se de Optaciano Porfírio (séc. IV), habitualmente considerado um poeta latino menor; concentra-se no Poema XXV, que faz uso da técnica combinatória, pelo que a métrica e as palavras são fundamentais na articulação do texto. Nele se evocam autores, textos e épocas diversas, por isso, no dizer de González Iglesias, é possível estabelecer intertextuali-

dades, mas também uma intertextualidade absoluta, pelas relações internas do próprio poema. E afirma ainda na p. 364: “La belleza no es significado. Es una belleza geométrica, formal, matemática. Puro *numerus*”.

Como registam em nota inicial os editores desta colectânea, não era seu propósito realizar um trabalho de síntese sobre uma área tão ampla como a da intertextualidade nas literaturas grega e latina. Entretanto, as diferentes e interessantes aplicações metodológicas da intertextualidade apresentadas ao longo do volume parecem corresponder ao objectivo inicialmente definido. Com abordagens mais abrangentes e outras mais específicas, este livro contempla uma variedade apreciável de autores, textos, épocas, susceptíveis de satisfazer diferente tipo de interesses, e revela-se um bom contributo para o estudo da temática proposta.

De sugerir, no entanto, quer a inclusão de índices que permitam consultar prontamente questões precisas, quer de uma síntese bibliográfica que reúna a informação dada em notas de rodapé e no final de alguns artigos.

Susana Marques Pereira

FERREIRA, Paulo Sérgio M.: *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado* (Lisboa e Coimbra, Edições Colibri, 2000) 163 p.

O trabalho de Paulo Sérgio FERREIRA agora publicado corresponde, em termos gerais, à investigação apresentada como dissertação de Mestrado, com supervisão de Walter de Medeiros, o qual, como ocorreu já com estudos pertencentes a outros orientandos seus, anuiu a escrever o “Preâmbulo” (pp. 9-11). Nessas palavras preliminares, recorda as linhas sempre envolventes do retrato de Petrónio facultado por Tácito, bem como a natureza multimoda e polifónica do *Satyricon*. Salienta, além disso e de forma inteiramente justa, o carácter sistemático e profundo com que FERREIRA procurou interpretar a presença dos elementos paródicos no *Satyricon*, seguindo a «rede finíssima de alusões que envolve toda a parte conservada do romance» (p. 11). É esta análise metódica e sustentada que faz com que o trabalho em causa leve mais longe a abordagem de um problema a que a crítica apenas tem respondido de forma pontual ou sem a preocupação de fornecer explicações internas e globalizantes, que permitam ultrapassar o simples catálogo de alusões e de passos paralelos, como em parte acontece com o estudo clássico sobre esta matéria, da responsabilidade de A. COLLIGNON, *Étude sur Pétrone. La critique littéraire, l'imitation et la parodie dans le “Satyricon”* (Paris, 1892).

Na “Introdução”, FERREIRA reflecte sobre as principais linhas do debate relativo à distinção, fundamental em termos programáticos, entre paródia e sátira, tanto à luz da teorização antiga, como da moderna. O Autor não adere totalmente a nenhum dos modelos enunciados, esclarecendo, em obediência a intuítos de ordem prática, que irá aproveitar de cada teoria o que de melhor esta lhe oferecer (pp. 26-27). Assim, a nível da macroestrutura, salienta que importa separar a paródia propriamente literária da que está ao serviço da sátira de instituições ou pessoas; quanto à paródia literária, dis-

tingue (com MADELÉNAT) entre paródia intragenérica e extragenérica, o que o leva a dedicar a primeira parte do trabalho à abordagem da paródia dos géneros narrativos, dramáticos e líricos. A segunda parte do estudo incidirá sobre a sátira paródica de instituições romanas, como a superstição, a justiça e a educação. Em termos de nomenclatura, utiliza tanto as propostas de lexicógrafos dos sécs. XVII e XVIII, como as de GENETTE ou ainda as dos autores greco-latinos, quando apresentam, de maneira mais funcional, os métodos paródicos (pp. 27-28). Esta opção tem a vantagem de permitir ao Autor aproveitar de cada elaboração teórica os elementos que melhor servem os seus objectivos contextuais. Contudo, a oscilação terminológica pode dificultar a apreensão, por parte do leitor, dos modelos que estiverem operacionais. Uma vez que FERREIRA não aderiu totalmente a nenhum paradigma existente, dadas as dificuldades em aplicá-lo por inteiro ao material que se propôs trabalhar, talvez pudesse ter encarado a hipótese de criar um quadro teórico mais pessoal, se bem que essa tarefa o obrigasse a alongar-se na respectiva fundamentação. Facilmente se compreende e aceita a escolha do Autor, mas não sem a lamentar um pouco, pois que o alargamento deste ensaio preliminar forneceria aos críticos da literatura um interessante campo de reflexão.

A paródia de textos literários ocupa a parte central do estudo (pp. 31-116), com especial incidência no romance grego de amor e na epopeia, pois a transcontextualização de alguns dos seus tópicos serve de suporte a toda a trama narrativa do *Satyricon*. Conforme salienta FERREIRA (p. 31), «tão entrelaçadas se encontram as paródias da épica e do romance sentimental, que é apenas por uma questão metodológica que as apresentarei separadas». O Autor começa pela paródia intragenérica, cujo antímodo é o romance sentimental. Neste subcapítulo, que é iniciado pela discussão breve, mas bastante útil, do enquadramento do *Satyricon* enquanto género, aduz-se um enorme caudal de obras, sendo muito válido o notável esforço de sistematização de pontos de contacto e a interpretação dos numerosos paralelos. Contudo e apesar de esta secção se centrar, em termos programáticos, na tradição do romance grego, a epopeia e a tragédia são um ponto de referência constante, realidade plenamente justificada, aliás, pelo facto de o romance sentimental grego acusar, de forma clara, o influxo desses géneros e, por conseguinte, ter de ser lido em conexão com eles. Por isso, ainda que seja obviamente defensável a opção de começar a abordagem pela paródia intragenérica, talvez não tivesse sido menos profícuo tê-la iniciado pela paródia da epopeia e da tragédia (antecipando, também aqui, a abordagem de Eurípides sobre a de Séneca).

No subcapítulo dedicado à paródia da epopeia, o Autor explora, em particular, as adaptações da epopeia que não se encontram entre os tópicos catalogados pelo romance sentimental, aplicando-as a um contexto diferente, ao serviço de uma intenção escarninha que reflecte a angústia sentida por Petrónio, ao comparar a decadência presente com a grandeza do passado. FERREIRA reconhece que esse processo de «transcontextualização pode, com efeito, fazer-se de três feições distintas: a alusão directa a passos e acontecimentos; a citação textual de determinados versos dos originais; e a evocação, através de semelhanças de vocábulos e de motivos» (p. 52). Esta